

Plano de Defesa Regional Integrado do 36º BPM: relato de experiência de ocorrência de roubo a estabelecimento financeiro em Santo Antônio de Pádua

Nielsen da Silva Fonseca

Curso de Formação de Oficiais pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) – Bacharel em Direito pela Faculdade de Santo Antônio de Pádua (FASAP) – Capitão da PMERJ, Chefe da Seção de Planejamento do 36º BPM.

Resumo

Este artigo relata uma experiência de simulação de um caso de roubo a estabelecimento financeiro em Santo Antônio de Pádua, por meio da aplicação do Plano de Defesa Regional Integrado do 36º BPM. A elaboração desse plano foi motivada pelo reconhecimento do risco apresentado por grupo de criminosos do “novo cangaço”, que têm perpetrado ataques a instituições bancárias em pequenas cidades interioranas, utilizando métodos de atuação violentos que preocupam autoridades e a população local. O objetivo da simulação foi treinar as equipes envolvidas na neutralização de ataques a instalações bancárias e dissuadir ações criminosas dessa natureza nos municípios abrangidos pela área de atuação do 36º BPM. A atividade envolveu a colaboração de diversas forças de segurança nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e contou com a participação de representantes de instituições bancárias de Santo Antônio de Pádua. Conclui-se que a simulação foi de extrema importância na preparação, condicionamento e integração das forças de segurança, bem como aumentou a percepção de segurança da população.

Palavras-chave: Plano Defesa Integrado; Simulado; Novo Cangaço.

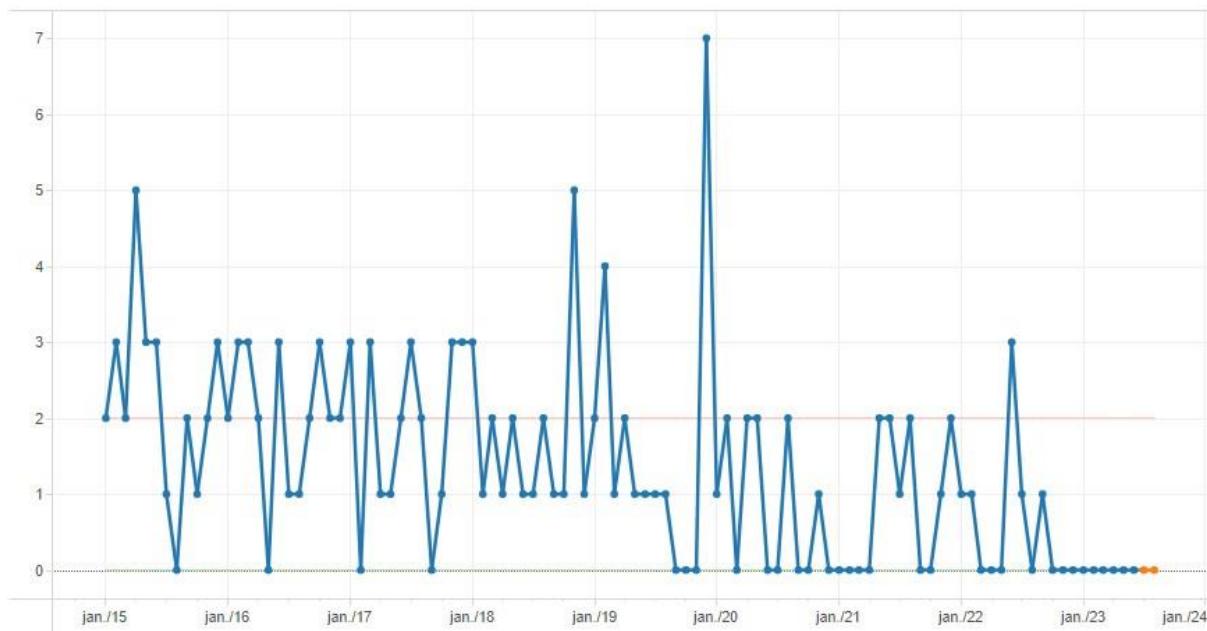
Introdução

O roubo a estabelecimento financeiro é um crime bárbaro caracterizado pelo modus operandi de um grupo organizado fortemente armado, que invade a cidade, geralmente à noite, cerca a polícia, utiliza a população como escudo humano e realiza disparos com armamentos pesados e explosivos. Atua de forma a gerar pânico, medo e terror na população local. Esse formato de crime tem assolado várias regiões do Brasil e afeta principalmente os municípios pequenos do interior do país.

O jornalista Eduardo Militão, em uma reportagem publicada na UOL, de 14 de dezembro de 2020, apontou que foram cometidos 26 mega-assaltos a bancos e bases-fortes de empresas de guarda de valores em 23 cidades do país, no período entre novembro de 2015 e dezembro de 2020. Esses crimes resultaram no roubo de ao menos R\$ 515 milhões¹ (valores citados na época, sem correção monetária até a presente data). Os ataques violentos resultaram na morte de 12 pessoas, sendo cinco suspeitos e sete moradores ou policiais, além de deixar outras 28 pessoas feridas. Desde 2017, os criminosos passaram a priorizar o roubo a bancos tradicionais por serem mais lucrativos que as bases-fortes de empresas de segurança. Esse fato impulsionou os ataques em cidades menores do interior do país, especialmente nas regiões Sudeste e Nordeste, com metade delas apresentando uma população inferior a 140 mil habitantes (MILITÃO, 2020).

Para efeitos comparativos, dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) apontam que, de janeiro de 2015 a agosto de 2023, houve 141 roubos a banco no estado do Rio de Janeiro, distribuídos anualmente conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Série mensal de roubos a banco



Fonte: Elaborado pelo ISP com base em dados da SEPOL.

¹ A reportagem aponta que não conseguiu apurar o valor declaradamente roubado em quatro dos 26 assaltos.

Em função da semelhança percebida com o cangaço, fenômeno social e criminoso que movimentou o sertão nordestino entre o final do século XIX e a década de 1930, a nova estrutura de crime organizado que se especializou em roubos a estabelecimentos financeiros e se embrenhou pelo interior do país tem sido chamada de “novo cangaço”. A pesquisadora Jânia Aquino (2020), estudiosa dessa modalidade de crime, chama a atenção para a truculência das quadrilhas nas abordagens dos alvos.

Em tais ocorrências, agrupamentos de dezenas de homens lançam mão de violência ostensiva contra reféns e a estrutura física de bancos. Utilizando armamento pesado e explosivos, costumam atacar e neutralizar as forças de segurança pública das cidades onde realizam esses assaltos. Devido às afrontas ao poder público, à audácia e ao tamanho das quadrilhas, essas ações criminais têm sido chamadas por jornalistas, agentes e delegados de polícia de “novo cangaço”, em alusão aos grupos de sertanejos que, na primeira metade do século XX, percorriam o Nordeste e o norte de Minas Gerais sitiando e saqueando cidades, vilas e fazendas, confrontando e abatendo forças policiais. (AQUINO, 2020, p.615)

É notório o desafio que esse grupo criminoso representa para a segurança pública nos pequenos municípios do interior. O tenente-coronel da Polícia Militar de Mato Grosso, Lucélio Martins França, organizador de um livro² sobre o tema, destaca a necessidade de intensificar a aplicação dos conceitos de integração e inteligência no combate ao crime. Nesse sentido, o autor ressalta a importância de ter um plano de defesa ou contenção bem estruturado para prevenir e enfrentar essa modalidade criminosa.

Diante da gravidade e violência dos casos de roubo a estabelecimento financeiros e necessidade urgente de capacitar as forças policiais nos pequenos municípios, o presente trabalho tem o objetivo de contribuir para o debate por meio do relato de experiência do 36º BPM, que tem se empenhado em aprimorar suas condições para enfrentar esse tipo de crime. O relato a seguir apresenta a descrição e considerações do autor, a partir de observação participante, sobre a elaboração do Plano de Defesa Regional Integrado e da experiência de simulação de atuação em um evento de roubo a estabelecimento em Santo Antônio de Pádua.

1. O contexto local do 36º BPM: o risco acentuado dos municípios fronteiriços

O 36º Batalhão da Polícia Militar está sediado em Santo Antônio de Pádua, na região Noroeste do estado do Rio de Janeiro. Sua área de atuação compreende seis municípios: Santo Antônio de Pádua, Aperibé, Itaocara, Miracema, Cambuci e São Sebastião do Alto, com uma população de 124.525 habitantes, segundo dados do IBGE (2022).

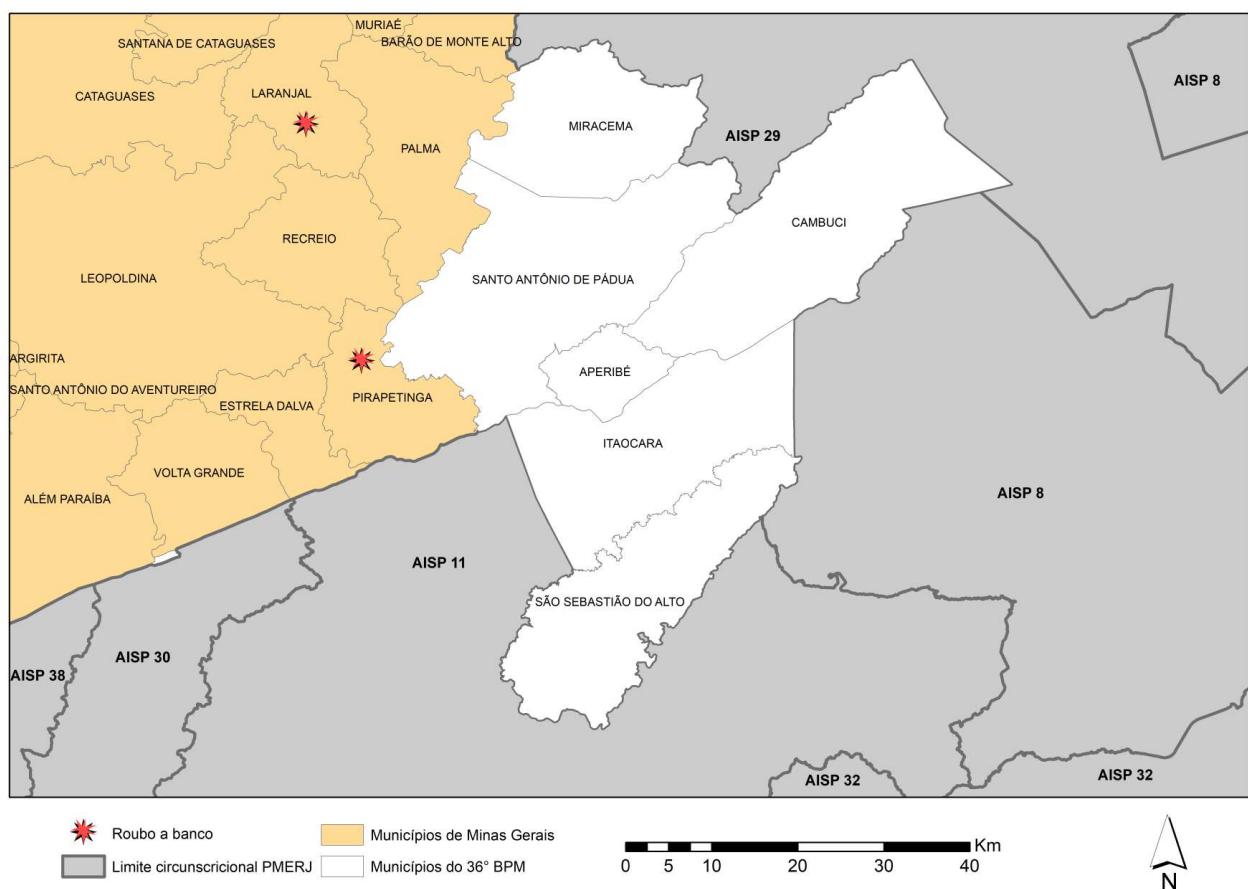
² FRANÇA, Lucélio Ferreira Martins (org.). **Alpha Bravo Brasil:** crimes violentos contra o patrimônio. Curitiba: Editora CRV, 2020.

O município de Santo Antônio de Pádua possui uma população de 41.325 habitantes e se destaca como um polo industrial, universitário e de ensino técnico na região. Uma das suas principais fontes econômicas é a extração de pedras decorativas, que contribui para a geração de muitos empregos. Outras atividades econômicas relevantes no município são a pecuária leiteira, as indústrias de papel e o comércio. O município atrai ainda interesse turístico por moradores das cidades vizinhas, com pontos de destaque como o Parque Municipal e o centro gastronômico à margem do Rio Pomba. Esse rio, que marca a paisagem da cidade, é usado para a prática de pesca, canoagem e passeio em pequenas embarcações.

A cobertura bancária do município é formada por sete instituições financeiras, entre estatais e privadas, além de duas casas lotéricas. Santo Antônio de Pádua faz divisa com os municípios de Aperibé, Miracema e São José de Ubá, no estado do Rio de Janeiro, e com Pirapetinga e Palma, em Minas Gerais.

A característica fronteiriça com o Estado de Minas Gerais, o aumento do poder aquisitivo da população e a expansão das agências bancárias nos municípios da área de abrangência do 36º BPM guardam semelhanças com o perfil de cidades de pequeno e médio porte que sofreram violentos roubos a estabelecimentos financeiros nos últimos anos. A Seção de Planejamento e Análise Criminal do 36º BPM diagnosticou, por meio de atividade de inteligência, o risco de ocorrências do tipo em sua área de atuação. A preocupação foi acentuada pela ocorrência de ataques do gênero em municípios que circundam a área de atuação do 36º BPM.

Figura 1 – Mapa dos municípios que circundam a área do 36º BPM com ocorrência de roubo a banco



Fonte: Elaborado pelo ISP com dados do SEPM e do IBGE.

Em 10 de junho de 2021, cerca de 15 criminosos fortemente armados realizaram um ataque durante a madrugada na agência da Caixa Econômica Federal de Pirapetinga (Minas Gerais), município que faz fronteira com Santo Antônio de Pádua. Segundo relatos, o grupo utilizou explosivos nos caixas eletrônicos da agência. Durante a fuga, “os criminosos abordaram dois caminhões na MG-393 para bloquear a rodovia, que dá acesso ao Rio de Janeiro, ao Espírito Santo e a Muriaé, na Zona da Mata mineira. O objetivo era impedir a passagem da PM até a agência bancária” (JENZ, 2021).

Figura 2 – Destrução da agência da Caixa Econômica de Pirapetinga



Fonte: Reportagem G1³.

Em dezembro de 2015, ocorreu outro ataque do gênero em uma agência bancária, no município de Laranjal, Minas Gerais. Laranjal encontra-se a 38 quilômetros de distância de Miracema, outro município da área de atuação do 36º BPM. Esse e outros relatos semelhantes descrevem um delito que tem afligindo as autoridades e a população residente em pequenas cidades interioranas: o ataque a instituições bancárias, praticada por um grupo de indivíduos fortemente armado e com práticas terroristas de atuação, conhecido como “novo cangaço”.

2. O novo cangaço

O cangaço foi um movimento que ocorreu no sertão nordestino no final do século XIX e início do século XX. Seu líder mais famoso foi Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como “Lampião”. Os cangaceiros se destacavam pelo uso de roupas

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/06/09/delegada-da-policia-civil-fala-sobre-investigacoes-do-ataque-a-agencia-bancaria-em-pirapetinga-veja-video.ghtml>>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

de couro e armas presas junto ao corpo. Seus integrantes saqueavam cidades e desafiavam autoridades, recorrendo, muitas vezes, a extrema violência, inclusive sequestros e estupros.

O movimento cangaceiro está relacionado ao contexto social de extrema pobreza e à estrutura agrária daquela época. Essa é uma das razões pelas quais, frequentemente, os cangaceiros foram descritos como bandidos sociais. Apesar da grande violência utilizada em suas ações, que deixaram muitos policiais e civis mortos, os cangaceiros foram vistos por muitos como heróis. Isso se deve ao contexto de revolta contra o descaso do poder público, ao abuso de poder do coronelismo e às injustiças sociais que afetavam o Nordeste do país naquele período.

A relação do movimento cangaceiro com a criminalidade organizada é um tema de debate na historiografia do crime organizado no Brasil. Maia (2011) salienta que o cangaço constitui um antecedente da criminalidade organizada, sendo a raiz histórica do crime organizado, embora guarde diferença com o crime organizado atual no tocante ao seu poder lesivo e, por isso, não se confunda com ele.

Os autores deste artigo concordam que o cangaço foi pioneiro no que diz respeito às organizações criminosas, pois tinham uma estrutura hierarquizada com um líder, tarefas pré-estabelecidas e abusavam do emprego de violência e terror em suas ações. Destaca-se que eles representam um exemplo antigo da prática de subjugar pequenas cidades para realizar saques e cometer outros crimes.

A expressão “novo cangaço” é empregada para designar as quadrilhas fortemente armadas que cercam pequenas cidades para cometer crimes. Essas quadrilhas iniciaram seus ataques na década de 1990, nas cidades interioranas de estados do Norte e Nordeste. Com o passar dos anos, esses ataques se expandiram, e ataques do gênero passaram a ser registrados nas diversas regiões do país.

França (2020) destaca que o “novo cangaço” é uma modalidade associada ao cangaço clássico em razão de sua característica de banditismo interiorano, praticada mediante organização criminosa com divisão de tarefas entre seus membros, seguindo uma estrutura hierárquica convencional, cujos membros mantêm relações sólidas e acumulam anos de experiência nas atividades delitivas. No mesmo sentido, Aquino (2020) ressalta a complexidade, o planejamento, a divisão de tarefas, a dimensão de negócio e as relações sociais que atravessam esses crimes.

Em entrevista para o site de notícias CNN Brasil, em 18 de abril de 2022, Guaracy Mingardi, analista criminal do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, enfatiza que o movimento atual de roubo em pequenas cidades adota estratégias do cangaço, atacando cidades pequenas e a polícia para cometer roubos. O especialista destaca, contudo, que não há nas práticas atuais os objetivos de cunho social que eram atribuídos ao cangaço anteriormente.

O *modus operandi* dessas quadrilhas é marcado por atos de extrema violência contra a população. O foco dos assaltos está, sobretudo, nas agências bancárias

ou transportadoras de valores. As ações costumam ser muito bem planejadas, os bandos geralmente utilizam metralhadoras, fuzis, explosivos e veículos blindados. É comum ainda a tática de usar reféns como escudo humano. Por esses motivos, suas ações têm grande repercussão e causam pânico e terror na população.

Diante de tudo que foi exposto, o Comandante do 36º BPM, Tenente Coronel Marcelo de Castro Corbage, juntamente com o seu Subcomandante, Major PM Gláucio Soares da Silva, visando desestimular a ação de autores de crimes dessa natureza, bem como aumentar a sensação de segurança na população dos municípios abrangidos pela área de atuação do 36º BPM, empenharam-se em implementar treinamento específico aos policiais militares lotados na mencionada Unidade Operacional. Essa iniciativa visou capacitar esses agentes de segurança para que possam dar uma resposta técnica, eficiente e eficaz em eventual atendimento a essas ocorrências.

3. A simulação de ocorrência de roubo a agência bancária de Santo Antônio de Pádua

O Plano de Defesa Regional Integrado do 36º BPM tem por finalidade neutralizar qualquer ataque inimigo às instalações bancárias ou aos órgãos de segurança dessa Organização de Polícia Militar (OPM), perpetrados por criminosos do “novo cangaço”.

Diante do risco percebido de ocorrências desse tipo na área de atuação do 36º BPM, foi idealizado um protocolo para acionamento do plano de defesa. O treinamento para a simulação foi realizado nos dias 20, 21, 26, 27 e 28 de junho de 2023, sempre às 19h. A simulação para treinamento prático do protocolo foi realizada em sequência, no dia 29 de junho, às 20h.

A simulação abrangeu o emprego de dois tipos de policiamento. O repressivo (cerco) envolve o desenvolvimento simultâneo de operações de revista, mediante planejamento prévio, com efetivos e meios flexíveis. Essas operações visam coibir a fuga de criminosos pelas vias de entrada e saída da área considerada, dividindo-se em operações de cerco amplo, que ocorrem em uma área que excede a capacidade operacional de uma unidade operacional, e operações de certo restrito, desenvolvidas dentro da área da unidade operacional. Por outro lado, policiamento preventivo (presença) envolve o desenvolvimento de ações de policiamento ostensivo ordinário (POO) em locais, horários e dias críticos. Seu objetivo é amplo, e inclui desestimular a prática de delitos pela presença da polícia, bem como infundir, psicologicamente, uma sensação de segurança em vias de acesso, com vistas à preservação da ordem pública.

A seguir, apresenta-se o relato da simulação do ataque à agência do Banco do Brasil, que procurou reproduzir o *modus operandi* de ocorrências similares, conforme levantamento da área de inteligência do 36º BPM. O ataque teve início às 20h, envolvendo sete indivíduos distribuídos em dois veículos que se dirigiram

até a frente do Banco do Brasil. Os indivíduos desembarcaram armados com fuzil e adentraram a agência. Nesse momento, uma pessoa que está efetuando transação bancária no caixa eletrônico é tomada como refém. Os criminosos acionaram um dispositivo para explosão do caixa eletrônico e saíram da agência carregando quatro malotes de dinheiro. Em seguida, empreenderam fuga em direção a um destino, até então ignorado, levando a refém e os malotes de dinheiro.

Figura 3 – Momento do ataque simulado à agência do Banco do Brasil



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

A Sala de Operações (SOp) do 36º BPM foi imediatamente acionada, e o Oficial Supervisor verificou a veracidade do fato. Para isso, ele acionou o Patamo I da 1ª Companhia e o setor Bravo para verificar a denúncia. As guarnições empreenderam patrulha para averiguar o fato, momento em que entraram na agência bancária, onde constatam que os indivíduos não estão mais no local e que este está danificado pelas explosões. Uma testemunha do fato narrou todo o ocorrido.

Figura 4 – Momento da chegada do policiamento no local do ataque simulado



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

Posteriormente, o Oficial Superior entrou em contato com a SOp do 36º BPM para acionamento do Plano de Defesa Regional Integrado. A execução de atividades complementares pelos setores designados foi de suma importância para a aplicação do protocolo. A testemunha foi conduzida para apresentar a ocorrência à autoridade policial judiciária pelo setor Bravo. Enquanto isso, o Oficial Supervisor e a Patamo I permaneceram no local para a preservação da cena do crime, e a SOp acionou todos os setores e estabeleceu um cerco. Nesse momento, foram acionadas outras forças policiais. A SOp contatou, por telefone, o Posto da 5ª Companhia do Comando de Polícia Rodoviária Estadual (CPRv), o 2º Pelotão da 52ª Companhia do 68º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais e a Polícia Rodoviária Federal.

Figura 5 – Momento do posicionamento do cerco amplo



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

Dando continuidade com a dinâmica da simulação, a 2ª seção, por meio de ações de inteligência, obteve a informação de que os indivíduos acionaram a RJ-186 e estavam em fuga em direção ao município de Pirapetinga, Minas Gerais. Ocorreu, então, comunicação e troca de informações com a Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro. A testemunha do fato foi conduzida até a 136ª Delegacia de Polícia para prestar depoimento sobre a cena presenciada, incluindo como e quantos indivíduos foram vistos, as características dos veículos usados e o sentido para o qual eles fugiram.

Figura 6 – Momento da comunicação do crime



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

Conforme a análise dos dados das outras ocorrências criminais, o cerco ao grupo foi realizado na RJ-186. Para essa operação, foram reunidas viaturas do 36º BPM do Rio de Janeiro, do 68º BPM de Minas Gerais e do Comando de Polícia Rodoviária Estadual, que se posicionaram para efetuar o cerco com utilização de sinalização e artefatos para parada de veículos. Feito o cerco, o comando de parada para os indivíduos envolvidos no crime foi feito por meio de megafone, pelo oficial de operações. Após uma abordagem minuciosa, os indivíduos foram presos e conduzidos para a 136ª DP para dar continuidade ao registro da ocorrência.

Figura 7 – Momento do cerco restrito e prisão dos indivíduos



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

O treinamento do protocolo de enfrentamento a situações previstas no Plano de Defesa Integrado do 36º BPM exerce um importante efeito na percepção de segurança da população. Importante destacar a relevância da divulgação realizada pela mídia local e regional, conforme registros abaixo.

Figura 8 – Divulgação televisiva do treinamento



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

Figura 8 – Divulgação televisiva do treinamento



Fonte: Seção de Comunicação Social do 36º BPM.

Considerações finais

O “Novo Cangaço” é um tipo de ocorrência criminosa que tem atingido cidades do interior do país em ataques marcados pela violência e destruição. Muitas dessas incidências têm como alvo municípios localizados próximos às divisas estaduais, devido à percepção de que a logística para fuga é mais fácil.

A atividade de inteligência do 36º BPM identificou o risco desse tipo de ocorrência em sua área de atuação, fato que impulsionou a necessidade de estabelecer um plano de segurança que integre as forças de segurança da região, bem com as polícias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Com esse propósito, foi realizado um simulado de roubo a estabelecimento financeiro em Santo Antônio de Pádua, visando treinar as forças policiais. O treinamento do protocolo operacional foi entendido como elemento de fundamental importância para a capacitação das polícias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais no enfrentamento das atividades criminosas associadas ao “novo cangaço”.

O simulado foi de extrema importância na preparação, no condicionamento e na integração não apenas dos policiais militares envolvidos na simulação, mas também da população de Santo Antônio de Pádua e região, aumentando a percepção de segurança promovida pela Polícia Militar. Importante destacar que a simulação contou com a colaboração e participação de todos os potenciais envolvidos em uma ocorrência do tipo, incluindo a 136ª Delegacia de Polícia de Santo Antônio de Pádua, a 5ª Companhia do Comando de Polícia Rodoviária Estadual, o 2º Pelotão da 52ª Companhia do 68º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais e a Polícia Rodoviária Federal. É necessário citar ainda a contribuição fundamental da Guarda Municipal de Santo Antônio de Pádua, responsável pelo balizamento e interdição das ruas para a realização do simulado, assim como a participação de representantes das instituições bancárias e de transporte de valores da região para viabilização do exercício simulado.

A simulação do protocolo de segurança foi divulgada por meio das redes sociais do 36º BPM, fato que contribuiu para disseminar o conhecimento do protocolo por toda a força do batalhão. Dessa forma, ampliou-se o potencial da simulação na preparação para lidar com qualquer tentativa de ocorrência do gênero contra estabelecimentos bancários localizados nas cidades de atuação do batalhão ou em cidades próximas.

Conclui-se que o combate aos criminosos integrantes do “novo cangaço” deve ser priorizado com treinamento específico. A atividade de planejamento prévio, as Ordens de Operações e a inteligência são ferramentas fundamentais para antever práticas criminosas planejadas e prevenir a eclosão do crime, preservando vidas e aumentando a percepção de segurança. Outro elemento de fundamental importância é a integração entre as forças de segurança. A simulação do roubo a agência bancária em Santo Antônio de Pádua permitiu identificar com mais clareza o papel de cada agente em uma eventual operação de repressão, destacando, assim, a importância da integração e da inteligência para a combater tais práticas criminosas.

Referências bibliográficas

AQUINO, Jania Perla Diogenes de., Violência e performance no chamado ‘novo cangaço’: Cidades sitiadas, uso de explosivos e ataques a polícias em assaltos contra bancos no Brasil. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 2020, 13(3), 615-64.

FIGUEIREDO, C; ANDRADE, H; OSORIO, P. Criminosos atacam agência bancária no interior de Minas Gerais, **CNN**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criminosos-atacam-agencia-bancaria-no-interior-de-minas-ge-rais/>>. Último acesso em outubro de 2023.

FRANÇA, Lucélio Ferreira Martins (org.). **Alpha Bravo Brasil:** crimes violentos contra o patrimônio. Curitiba: Editora CRV, 2020.

G1. Grupo armado explode caixa eletrônico e leva R\$ 25 mil em Laranjal, **G1**, Minas Gerais, 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/12/grupo-armado-explode-caixa-eletronico-e-leva-r-25-mil-em-laranjal.html>>. Último acesso em outubro de 2023.

G1. Grupo fortemente armado explode agência da Caixa em Pirapetinga, **G1**, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/06/09/grupo-fortemente-armado-explode-agencia-da-caixa-em-pira-petinga.ghtml>>. Último acesso em outubro de 2023.

G1. `Novo cangaço’: entenda o crime que destruiu bancos e assustou moradores em Santa Branca – SP; **G1**, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/07/03/novo-cangaco-entenda-o-crime-que-destruiu-bancos-e-assustou-moradores-em-santa-branca-sp.ghtml>>. Último acesso em outubro de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JENZ, Victória. Delegada da Policia Civil fala sobre investigações do ataque a agência bancária em Pirapetinga, **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/06/09/delegada-da-policia-civil-fala-sobre-investigacoes-do-ataque-a-agencia-bancaria-em-pirapetinga-veja-video.ghtml>>. Último acesso em outubro de 2023.

MAIA, Ariane Bastos de Mendonça. A origem do crime organizado no brasil: conceito e aspectos históricos. **Revista Acadêmica da Escola Superior do Ministério Público do Ceará**. Fortaleza, ano 3, n. 1. jan./jul. 2011.

MILITAO, Eduardo. Mega-assaltos no país levaram mais de R\$ 500 milhões em cinco anos. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/12/14/mega-assaltos-dominio-cidades-meio-bilhao-roubados-2015-2020-novo-cangaco.htm>>. Último acesso em outubro de 2023.